

A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.

O CHAPELEIRO

Orgam da "União dos Chapeleiros"

A exploração capitalista está baseada na ignorância e desunião dos trabalhadores. Impõem-se, pois, a união e a instrução.

Correspondencia á séde da "União dos Chapeleiros" Rua Marechal Deodoro n. 2 (1.º andar) S. PAULO — Brasil

O Primeiro de Maio

A ideia do Primeiro de maio — um dia de universal cruzamento de braços — nasceu no ardor duma luta gigantesca entre o proletariado e a burguesia, luta em que correu sangue de trabalhadores e de que Chicago, a vasta cidade norte-americana, foi o principal teatro.

O primeiro de maio foi o ensaio da greve geral, uma experiencia em grande do valor e da força da solidariedade operaria. O mundo do trabalho crusava os braços, fazia parar a máquina, depunha a ferramenta, detinha a actividade, e mostrava assim que a vida social assenta toda sobre o seu esforço. Pela solidariedade, pelo acôrdo, o proletariado lançava um desafio aos senhores do capital e do poder, e apresentava no campo da batalha uma invencível força.

Só elle tem a capacidade efectiva de produzir. Pôde cortar os viveres aos seus dominadores; pôde obrigá-los a capitular pela fome. Com a solidariedade activa e consciente, com o acôrdo das vontades, pôde gritar um *basta!* á exploração e ao despotismo, pôde recusar servir por mais tempo de escravo.

E o Primeiro de Maio significava tudo isso: era a união de forças, era uma tentativa para traduzir em factos definitivos a solidariedade operaria. Traduzia a luta — a luta do escravo contra o senhor, a luta pela emancipação do salariado.

O operario cruzava os braços e suspendia a vida social: preparava-se para negar ao proprietario o direito de dispôr da terra e dos instrumentos de trabalho, que só elle, operario, faz produzir e fructificar.

Depois o Primeiro de Maio passou a ser uma data festiva, perdeu pouco a pouco o seu character de luta e de opposição, e os governos e os patrões, a principio cheios de terror, perderam o medo e incluíram o dia na lista dos seus feriados... O Estado e o Patrão, contra os quaes a luta era travada, eram os mesmos que vinham contribuir para... o brilhantismo da festa!

Quereis restituir ao Primeiro de Maio o seu character primitivo? Quereis que elle seja de novo, como nos primeiros annos, uma afirmação de solidariedade e de força, ensaio para a definitiva emancipação do ferreo jugo do salario?

Tudo depende de vós.

E' preciso que considereis, antes de tudo, o primeiro de maio, não um dia unico, mas um dia como qualquer outro — de luta.

E é preciso que não espereis a vossa salvação de nenhuma providencia, mas do vosso proprio esforço. Não espereis que a emancipação vos venha duma força que não está em vós, dum patrão, duma comissão, duma directoria, dum legislador. Não a espereis ainda do simples facto de estar o vosso nome inserto no registro duma sociedade. E' preciso agir. Cada associação vale o que valerem os seus socios. A união, de per si, é uma abstracção, não é uma força, não é nada; a união de forças é que é uma força. Uma união de incapazes, de indolentes, de inactivos — seria incapaz, indolente, inactiva. E se a iniciativa de todos é abandonada nas mãos dum só ou de poucos, toda a actividade redundará em seu proveito exclusivo.

O unico meio de desinvolver a força é o exercicio, é a luta — não a luta dum só dia, com qualquer data do calendario, mas a luta incessante de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos e em todos os logares — em casa, na fabrica, na rua. Instruir e instruir-se, estudar, propagar, agir, resistir a imposições e a tiranias, estimular iniciativas e desinvolver o espirito de solidariedade — eis um vasto campo capaz de satisfazer todas as aptidões e de aproveitar todas as energias.

Uni-vos, sim — mas lutai sempre.

M. V.

1º de Maio

E quando a aurora então se enrubescer? Pelos primeiros raios ardentes do sol. Todos nós havemos de ir colher, Bellas flores em um arrebol

Rio, 30 de Abril, de 1904

CANELLAS

O primeiro dever do operario que aspira á sua liberdade economica, é associar-se com os seus companheiros de officio, logo, com todos os assalariados.

Due problemi

Salari ed orari: ecco i due problemi di maggiore importanza, fondamentali, si potrebbe dire, per tutti i lavoratori; quindi anche per i lavoratori cappellai che perciò si riuniscono ed organizzano per le proprie rivendicazioni.

Questi due problemi implicano a loro volta la soluzione dei due grandi problemi della vita operaia; il problema economico ed il problema morale; perché soltanto coll'elevarsi dei salari i lavoratori potranno avere i mezzi di soddisfare alle necessità della vita in modo non solo da averne soddisfazioni materiali e fisiologiche, ma ancora per avviarsi a quell'elevazione morale ed intellettuale che è solo possibile in condizioni economiche buone, tali che diano all'organismo il necessario per poter funzionare regolarmente; perché soltanto colla limitazione degli orari rimarrà al lavoratore il tempo necessario per riposarsi, per reintegrare le energie spese sul lavoro senza quello sprechio eccessivo che abbrevia la vita umana e conduce alla degenerazione che vi si assoggetta, perché colla riduzione dell'orario il lavoratore potrà avere il tempo, oltre che di riposarsi, per istruirsi ed educarsi, per istruire ed educare la propria famiglia non solo, ma ancora perché nella riduzione di orario troverà la soluzione il problema della disoccupazione che maggiormente travaglia la classe lavoratrice.

Per tutte queste ragioni adunque appena accennate e che potrebbero formare argomento di altrettanti studi, tutti interessanti per i lavoratori, fanno opera buona e onorevole i lavoratori quando lottano per l'aumento dei loro salari e diminuzione degli orari di lavoro e tanto più fanno bene in questo Brasile che la fama dice dovizioso e favorevole alla classe lavoratrice, mentre i lavoratori in genere e specialmente i cappellai si trovano in condizioni tutt'altro che floride e non certo migliori di quelle degli altri paesi.

I lavoratori cappellai a lavoro fisso, giornaliero, non guadagnano in media più di 55000 al giorno e quelli che lavorano a fattura od a cottimo struggendosi la vita, dando maggiore guadagno al padrone e togliendo il lavoro ai compagni (altro problema che i lavoratori dovrebbero ben meditare) non arrivano che ad una media di 55500 reis.

Ora questi salari non solamente non sono eguali, ma si possono senza dubbio ritenere assai inferiori a quelli che i cappellai guadagnano in Italia un salario che varia dalle 3,50 alle 4 lire al giorno (1). E nessuno metterà in dubbio che anche soli 3 franchi in Italia sono assai più che 55000 a S. Paulo, se si tiene conto della enorme diversità di costo negli alloggi, vestiti ed in tutti i generi necessari alla vita.

Così per gli orari. Mentre nelle fabbriche di São Paulo e del Brasile in genere (e basta aver visitato una volta sola una fabbrica di cappelli ed avere osservato come il genere di lavoro

sia un avvelenamento affrettato) la durata del lavoro giornaliero è di dieci ore, in quasi tutte le fabbriche d'Italia e dell'Europa è ridotto ad otto ore.

Perché ciò non dovrebbe essere anche nel Brasile, anzi perché non è ancora avvenuto?

Perché i lavoratori non hanno ancora saputo conquistarselo.

I salari saranno aumentati, gli orari diminuiti solo quando i lavoratori colla loro concordia, colla loro organizzazione avranno saputo trionfare sulla prepotenza padronale e conquistare queste sante loro rivendicazioni.

Ed è per questo, o amici cappellai, che invitato gentilmente da voi a scrivere un articolo pel vostro numero di 1º maggio ho un solo consiglio da darvi: organizzatevi e nella vostra solidarietà di classe soltanto sperate e cercate quella giustizia che per altra via non vi verrà giammai.

A. PICCAROLO.

(1) Oltre alla paga giornaliera i lavoratori di Borsalino in Alessandria dopo venti anni di lavoro hanno diritto a pensione ed i loro bambini sono ricoverati nell'istituto appositamente creato dal proprietario a sue spese.

Salve 1º de Maio!

Companheiros de todo o mundo em vos saúdo; companheiros de martyrio em vos abraço.

Companheiros, o dia de hoje, é, aquelle em que todos os trabalhadores do Universo cruzam os braços para que a terra fecunda tenha tambem o seu dia de paz e de descanso.

Companheiros; foi em 1848 que o grande mestre, Carlos Marx, disse: Operarios de todo o mundo Univos!

E porque não nos havemos de unir? porque viver nesta indiferença para regalo dos nossos algozes? porque viver nesta miseria de todos os dias quando temos a certeza que do mal que sentimos, o unico culpado somos nós mesmos!... Basta de tanta covardia; e de tanto desfallecimento; um pouco de boa vontade é quanto basta.

Companheiros, devemos nos unir: na União está a nossa força. Enquanto gastamos o tempo pelas tavernas embriagandonos deviamos procurar as nossas Associações; enquanto vivemos tratando de Politica, deviamos procurar as nossas sociedades, e ahí tratar do nosso bem estar, emfim, tratar da verdadeira Solidariedade, porque esta não consta apenas em assignar subscrições nas fabricas quando qualquer collega está enfermo, não. Solidariedade é esse laço de Fraternidade que une todos os trabalhadores, porque o Operario não tem patria; solidariedade quer dizer que todos os Operarios unidos em suas Associações de classe, formam uma só familia em cada officio, e, assim successivamente a grande familia Operaria Universal; Capitalistas, Doutores, Militares, etc, que nada produzem, vivem porque queremos; o nosso maior desprezo a esses que são grandes porque consentimos que nos façam pequenos, a elles a nossa maior indiferença.

Companheiros; o facto realisado da fusão das duas Sociedades de Chapeleiros devem ser amparado por todos os companheiros sinceros, e aquelle que assim deixasse de fazer pode ser considerado como um inimigo da propria Classe.

A União dos Chapeleiros pela fórma como está fundada, presta os maiores auxilios á Classe, já quando sem trabalho, em viagem, e na enfermidade, A União tem por bem o levantamento da mesma classe, mas para isso é preciso o concurso de todos, e esse concurso é facil de se prestar; questão é que os companheiros queiram ser bons.

Os Chapeleiros de S. Paulo a exemplo de outras partes, já poderiam ter fundado sua cooperativa de produção,

e para isso bastava que cada um concorresse com quantia de 500 reis por semana, por espaço de 2 annos; e fundada esta teriamos uma fabrica nossa, uma escola para nossos filhos, emfim todo o conforto de que carecemos não quero ser propheta, mas fica a lembrança; porque uma das bases principaes do Socialismo, são as Cooperativas, os sindicatos operarios, as Associações de Classe, em suma a Federação que une tudo formando uma muralha impenetravel para os Capitalistas, Doutores, Deputados, emfim todos os parasitas da Sociedade.

NAGAM

Rio, 30 de Abril de 1904

La Asociación se impone

La principal condición que deven tener los obreros para luchar con éxito por el mejoramiento propio y el de su clase, es, indudablemente, la perseverancia en permanecer afiliados á la sociedad del officio á que pertenecen, sobre todo cuando la sociedad persigue un ideal de justicia como el que sirve de bandera á la Unión de Sombrereros de San Pablo.

Sin constancia para permanecer en las filas sociales, de nada sirven los esfuerzos que aisladamente hagan los obreros por disminuir la explotación de queson victimas.

La asociación no sólo dá la fuerza necesaria para contener los desmanes patronales; la asociación instruye y prepara los cerebros proletarios para realizar maiores empresas que la conquista de un pequeno aumento de salario ó la disminución de una hora de trabajo en la jornada.

Con la asociación de las fuerzas obreras ha de conseguirse, más ó menos pronto, que deje de ser el hombre enemigo del hombre, ó lo que es igual, que la explotación del trabajo ajeno desaparezca por completo.

Censurable es, por tanto, existen trabajadores que anhelando el bienestar propio, el de su clase y el de toda la humanidad, abandonen la asociación ó rehuyan ingresar en ella, convirtiéndose inconcientemente en auxiliares de los que los oprimen y esclavizan.

Sin perseverancia en dar vigor y fuerza á la asociación — lo repetimos — son inútiles ó casi inútiles, para mejorar en algo las condiciones del trabajo, los sacrificios que hagan algunos individuos dotados de las mejores energias para rebelarse contra la tirania patronal.

Sólo teniendó los obreros profundo amor á la asociación y velando constantemente por su prosperidad, es como mejor y más pronto llegarán á la meta á que ansian llegar cuantos el dia 1º de Mayo se reúnen en todos los países civilizados para contarse y poder apreciar la distancia que los separa de la ansiada y segura muerte de la presente organización social y el advenimiento de otra en que no puedan existir los antagonismos que origina el maldito régimen del salario.

¡A la asociación, pues, obreros sombrereros, porque en ella y sólo en ella encontrareis alivio á los males presentes y la robus-

tez necesaria para hacer trizar las cadenas que os sujetan al potro de la explotación y tiranía capitalista!

Aceptad este consejo de un buen amigo vuestro, que como vosotros, ansia el triunfo de la igualdad económica, base de la fraternidad humana.

COMPAÑEROS

Vamos a engrosar las filas de la Unión de los Sombrereros y una vez unidos podremos romper la odiosa cadena burguesa que tanto nos oprime.

¡Viva la emancipación humana!
¡Viva el 1.º Mayo!

L'organizzazione della donna operaia

L'organizzazione della donna operaia è cosa certamente non trascurabile da parte di tutti coloro, e specialmente da parte dei socialisti, che coraggiosamente hanno iniziata la non facile lotta delle rivendicazioni proletarie, come non è cosa certamente facile il conseguirla, dato il terreno difficile che si deve coltivare, poiché la donna proletaria per troppo lungo tempo abbandonata a sé stessa, alla sua miseria morale e materiale fa uno sforzo immenso e riesce pochissime volte a comprenderci, quando le parliamo della necessità di organizzarsi.

Tutto ciò però se ci fa pensare, non ci deve né scoraggiare, né rendere scettici, dimostrando di aver poca fiducia nelle forze femminili, perché allora avremmo subito torto di fronte al furbo capitalista, il quale, mentre noi consideriamo la donna leggera e cosa da trascurarsi nel bilancio attivo delle forze e del pensiero umano, essa nel suo campo, nella sua *fazenda*, nel suo officio, ne sfrutta l'energia del corpo e della intelligenza, riducendola di punto in bianco strumento di lavoro. In granagge indispensabile alla macchina che vertiginosamente produce. E dubitando ancora del beneficio che la donna organizzata potrebbe arrecare alla nostra lotta intrapresa, avremmo torto, (come di fronte al capitalista anche di fronte ai non meno furbi preti, i quali se ancora tanto in alto stanno, e dall'alto dominano, è solo perché bene sanno insinuarsi nel cuore della donna, sfruttandone il sentimento delicato.

Convinti invece della assoluta necessità di organizzare in fascio le donne operaie a qualsiasi ramo d'industria esse appartengano, di fronte a tutta questa non facile, ma nuova e necessaria educazione da compiere, noi dobbiamo correre darsi di una forte dose di volontà e metterci seriamente al lavoro per la buona causa.

Ogni creatura che lavora, che produce per la collettività umana, che collabora e che concorre colla propria energia di braccio o di pensiero al benessere sociale, ha diritto ad una vita tranquilla o almeno non tormentata dalla triste incertezza economica del domani. Invece noi constatiamo, e i fatti corroborano a darci ragione, che così non avviene. Il lavoro collettivo che le masse producono tutto a vantaggio del capitale, è sempre moralmente poco considerato, materialmente, sempre male retribuito, ed in ispecie modo il lavoro femminile. Perché questo avviene, e di chi la colpa? — Di chi fa lavorare e sfrutta — mille voci sono pronte a rispondere e non avrebbero tutti i torti, ma se al di sopra del giusto risentimento che proviamo, constatando la innegabile ingordigia capitalista vogliamo porre la ragione fredda, serena, noi

dobbiamo allora confessare che un gran torto l'abbiamo tutti che in linea generale abbiamo sempre dato poca importanza al lavoro della donna e non ci siamo mai soffermati a guardare il meraviglioso concorso che il lavoro femminile ha sempre portato nell'enorme campo della produzione.

Gli studiosi, i buoni l'hanno detto da molto tempo sui loro libri e dalle loro tribune, sfatando la leggenda che dice essere la donna pigra e non amante del lavoro, dimostrandolo anche con statistiche precise.

Dappertutto, dove il sole dardeggia, dove fuma una ceminiera, nelle viscere della terra dove non penetra la luce, dove cresce un fiore o matura un frutto, dove si adopera l'ago o la penna, dove si impara e s'insegna noi troviamo la donna amante del lavoro e che a questo dà le sue migliori energie, gli anni più belli della sua vita. Noi ve la troviamo in numero maggiore degli uomini, e la vediamo compiere lavori non inferiori a quelli dagli uomini compiuti. Ma la classe proletaria non ha mai osservato profondamente tutto ciò ed ha sempre guardato con un senso di diffidenza gli studiosi che la richiamavano su questo meraviglioso fenomeno di attività sprigionantesi dall'energia femminile; abituandosi invece a considerare il salario che la donna percepisce dal lavoro che faticosamente produce, e troppe volte a danno della sua salute e di quella delle sue creature, come un *di più*, una aggiunta al guadagno che l'uomo porta in famiglia, dimenticandosi sempre di esaminare se a questo lavoro, a questo magro guadagno chiamato *un di più* si è mai dato qualche cosa di meno di quanto meritava. E' questo il torto più grave che ha avuto e che ha tutt'ora la classe lavoratrice in genere, torto che ha così permesso la potentissima perpestrazione dello sfruttamento esercitato sul lavoro femminile.

Nella constatazione però di questo torto grave, è nostro dovere osservare come la classe lavoratrice abbia incominciato a riconoscerlo e come entusiasticamente e coscientemente abbia pure incominciato a ricredersi ed a lavorare, perché infine se ne cancellino le tristissime conseguenze.

Forti e numerose organizzazioni sono sorte nell'intento di rivendicare i loro diritti dove maggiormente si è sviluppato ed ha preso stanza l'industria.

In Germania, in Inghilterra, nel Belgio, in Francia, in Italia e nella America del Nord, il proletariato si è scosso dal sonno letargico che per tanto tempo gli aveva fiaccato lo spirito ed addormentato il pensiero. Si è scosso, ha lasciato le quinte e si è avanzato sul palcoscenico della vita, domandando alla società per la quale lavora, non appaia, ma diritto all'esistenza.

Dappertutto sono sorte organizzazioni, Leghe di resistenza, Federazioni di mestiere, col nobile scopo di liberare la classe lavoratrice dalla sua schiavitù economica e morale.

Né alle donne si è parlato invano, per quanto siano ancora le più restie. — In Italia, e specialmente nell'Emilia, numerose sono le organizzazioni femminili che hanno aderito alla lotta ingaggiata; organizzazioni che hanno avuto i loro momenti di combattività, di agitazioni gravissime e che riportarono vittorie considerevoli. Così pure in altri paesi, la donna, ha saputo dar prova di fortemente voler lavorare per il miglioramento delle proprie condizioni morali e materiali creando associazioni di resistenza in ogni ramo di lavoro, associazioni che hanno assunto una importanza speciale per la loro tras-

formazione in veri istituti educativi, nei quali la donna, dopo la sua giornata di lavoro trova il mezzo di andare ad educare il suo pensiero, ad istruirsi per la conquista di un avvenire migliore.

Esse si sono finalmente chieste: — Diamo noi alla società un vantaggio col nostro lavoro?

La risposta non poteva essere negativa.

Ma si sono domandate ancora: — Col compenso ricavato dal nostro lavoro possiamo bastare a noi stesse, procurarci quanto ci è di assoluto bisogno per vivere onestamente e senza angoscia? —

La risposta questa volta è stata negativa e mise in pensiero le forti lavoratrici.

Uno stesso tarlo consumava il frutto dei loro prodotti. — Lo sfruttamento continuato. — Si ricordarono allora dell'apologo che, narrava come un padre per mettere la pace e il benessere fra i suoi figli, sempre in lite fra loro, ricorresse all'esempio delle verghie.

— Vedete, egli diceva loro, una verga sola la rompo anch'io che sono vecchio, un fascio di verghie non riesce nemmeno a piegarlo la vostra forza giovanile. — Il ricordo sortì il suo effetto e le donne in gran parte si organizzarono — rivendicando dei loro diritti — per rivendicare tutta la schiavitù patita attraverso le pagine del passato.

Lavoratrici, impariamo anche noi.

ERNESTINA LESINA.

L'igiene

Ci troviamo in un paese dove vigono moltissime leggi, ma ben poche, per non dire nessuna, sono quelle che favoriscono l'operaio, e fra queste dovrebbe trovarsi quella delle ispezioni delle fabbriche, opifici ecc, dove l'operaio vive una metà della sua vita. Fra le nazioni civili la Svizzera, per esempio, ne ha qualcuna.

Questo è conosciuto da tutti gli interessati.

Perciò questi dovrebbero pensarci; non rivedendo ed analizzando tutte le leggi qui promulgate, perché sarebbe assurdo che il lavoratore facesse ciò, anche perché le leggi sono elastiche, specialmente in questo paese, ed hanno importanza fino ad un certo punto.

Bisognerebbe vedere coi propri occhi e toccare con mano se questa igiene e l'ispezione di essa almeno in parte esista. Quindi facendo questa osservazione molto semplice e pratica, si può dire che non viene applicata, fatta eccezione di qualche fabbrica.

Dunque perché non si provvede a questo se nessuno vi pensa? sarebbe naturale essendo che gli altruisti sono rari, e la maggior parte degli esseri umani ha l'abitudine di pensare a se stessa in primo luogo.

Il lavoratore che s'affatica da mane a sera, se ama se stesso, perché non pensa a qualche cosa? Continuando nelle identiche condizioni, significa ruinare la sua integrità fisica ed attentare alla propria vita.

Se il cappellaio discutesse e studiasse unitamente coi suoi compagni, quali sono i mezzi per risolvere la questione, la troverebbe subito. Certo che così facendo non si accontenterebbe di lavorare in officine che possono produrre malattie diverse ed infiacchire il lavoratore moralmente e fisicamente in ambienti ristretti capaci di contenere solamente un terzo ad un quinto del personale, fra il calore dei fuochi presso le gambe e quello tropicale e talvolta con l'aggiunta del calore, cui si rende soffocante, dei zinghi troppo bassi e chiusi quasi ermeticamente, privi di ossigeno in causa dell'agglomeramento delle persone, saturi di

carbonio prodotto dai fuochi.

Non parliamo del puzzo delle macchine che aiuta lo sviluppo della tubercolosi, com'è dimostrato già dalla scienza, dei pozzi neri trascurati che spargono miasmi che guastano lo stomaco nonché altre piccolezze le quali nella giornata divengono gravi.

Cosicché questo non è altro che la degenerazione del fisico intiero perché l'igiene ha molto di comune con lo sviluppo intellettuale.

Ripeto: se al lavoratore preme la propria salute, invece di lamentarsi della tale o tal'altra officina e protestare di questo o di quel padrone perché s'impingua le sue tasche senza pensare alla vita degli altri, gli domanderei per qual cosa si serve di quelle ore che ha libere sia anche la domenica, se non per pensare alla prossima settimana? Discutendo e studiando come sopra dissi, dei suoi interessi, fra questi vi è l'igiene, nella già funzionante *Unione dei cappellai*, la quale è guardata di mal'occhio come Satana dai cattolici.

Non facendo ciò, ossia, se l'artiere nostro non si muoverà a prescegliere e non si turba a nulla, d'anneggerà i compagni che ne godono una parte.

Questo accade perché un padrone di fabbrica danneggia un secondo per la concorrenza che gli potrà fare perché le sue spese sono minori non facendo le dovute comodità che richiede l'igiene.

Chiudo facendo principalmente invito ai giovani di mettersi all'opera e non fare, come fanno i sostenitori dell'attuale regime, i quali vogliono raccogliere senza seminare, invece è al contrario: chi vuol ben raccogliere deve ben seminare.

Sarebbe assurdo ora ch'io volessi gettare le basi d'un regolamento d'ispezione e d'igiene per le fabbriche, dicendo: ogni operaio dovrà lavorare in un ambiente contenente quel certo numero di metri cubi d'aria; ad ogni tanti metri dovrà esservi una finestra o finestrone e via dicendo; ma per far questo saranno elette delle apposite commissioni.

Dunque per l'avvenire dell'umanità non cesseremo mai dal raccomandare igiene, igiene, e sempre igiene.

LANI

Sociedades de Resistencia

A *sociedade de resistencia* é a associação dos operarios para defender os seus interesses contra os interesses opostos dos capitalistas.

Os operarios da mesma profissão, ou de varias profissões num mesmo estabelecimento, unem-se e lutam para melhorar o seu salario e as outras condições de trabalho, ou para impedir que o patrão piore as já existentes, assim como para defender quem de entre eles seja pessoalmente alvo de injustiças e vexações. E estes varios grupos, venciados da solidariedade sempre crescente dos interesses dos trabalhadores de todas as profissões e de todos os países, para tornar mais eficaz a luta e concertar os meios de todos em auxilio das fracções em luta, hoje umas, amanhã outras, vão-se unindo gradualmente entre si, em federações locais, nacionais e internacionais de cada officio, e em federações gerais dos operarios dos varios officios.

A arma ordinaria de que dispõem as sociedades de resistencia, além do respeito moral que sempre adquirem homens que se mostram capazes de comprehender e defender os seus direitos, é a greve, isto é, a recusa de trabalhar.

E' necessario examinar o significado e o alcance economico e moral das greves, para evitar, dum lado illusões, que seguidas por inevitaveis disillusões, trazem o desa-

nimo e a indiferença, e do outro injustificaveis cepticismos, que levam a aceitar sem reagir toda a prepotencia, e reduzem o operario ao mais degradante aviltamento.

Se o operario fosse uma besta (como tantas vezes é ainda) com escassa conciencia e sem vontade, e se na sociedade não houvesse outras forças além da economica, para nada serviria a greve.

Capitalistas e proprietarios dispõem de todos os meios de vida, são eles que regulam a produção, que dominam o mercado e fixam os preços. Os trabalhadores, sempre ameaçados pela fome mal lhes falta o trabalho e sempre arriscados a ser substituidos por outros trabalhadores desocupados e contrangidos pela miseria a todas as baixeiras, devem necessariamente sofrer as condições que aos patrões apraz impôr-lhes.

Se com um esforço extraordinario, favorecidos pela concorrência que os patrões fazem uns aos outros e aproveitando circunstancias excepcionais, os operarios conseguissem obter um melhoramento seria transitorio, resolvendo-se dentro em pouco numa illusão dissipada.

Se se trata de aumento de salario (sem contar que o patrão poderia sempre retirar o aumento apenas desaparecidas as circunstancias que favoreceram a greve) sucede que os preços dos artigos de consumo crecem em proporção e portanto o aumento de salario seria simplesmente nominal e nada haveria de mudado. Se se trata de diminuição de horas de trabalho, o patrão desforra-se introduzindo novas máquinas e tornando o trabalho mais intenso e fatigante, sempre não esquecendo que depois de introduzidas as novas máquinas, poderia aproveitar a primeira occasião favoravel para restabelecer o velho horario e despedir uma parte dos operarios, dificultando assim, com o grande numero dos desocupados, toda a resistencia futura. Se se trata de greve de solidariedade para defender companheiros injustamente feridos, o patrão não deixaria de procurar o ensejo de se vingar e acha-lo-ia certamente na primeira depressão do mercado.

Em suma, numa sociedade em que alguns têm tudo e outros nada, estes vivem só porque faz conta aos primeiros, e recebem em paga do seu trabalho o minimo necessario para os pôr em estado de prestar os serviços que deles se exigem. E' esta tendencia dos salarios para descerem ao minimo necessario á vida e á reprodução que se chama a *lei de ferro dos salarios*.

Mas tudo isto só seria complementado se, como dissemos, os operarios não tivessem conciencia, nem vontade, nem capacidade de resistir — e em tal caso nem mesmo seria possível a greve, e a humanidade ficaria para sempre dividida em duas partes desiguais: um punhado de ferozes e avidos opressores e uma multidão de escravos abjectos e submissos.

O simples facto de se produzirem greves mostra que os operarios têm uma certa conciencia dos seus direitos e que ha um certo limite de sofrimentos que eles não querem transpor. E é por isso que a greve se tornou um factor tão importante na historia da emancipação proletaria.

Se é certo que os capitalistas têm nas mãos todos os meios de vida, se é certo que possuem todo o organismo do Estado para lhes garantir a posse e o livre uso desses meios, sem os quais os trabalhadores nem trabalhar nem viver podem, é ainda certo, porém, que os trabalhadores são o maior numero e que só eles possuem a capacidade efectiva de produzir. Por consequencia, em definitiva,

não ha duvida de que, se os trabalhadores quizessem, poderiam exigir o produto integral do seu trabalho, e de hai transformar radicalmente a presente ordem social.

Entretanto o facto é este: os patrões procuram explorar o mais possível os trabalhadores e estes esforçam-se por obter para consumo proprio a maior porção possível dos seus produtos; os patrões procuram reduzir os trabalhadores ao estado de escravos, e os trabalhadores procuram elevar-se á dignidade de homens livres. E a condição real dos trabalhadores, num dado momento, depende, não se modificando o resto, do grau de resistencia que sabem oppôr ás pretensões patronais.

Esta resistencia manifesta-se hoje principalmente com a greve, ou com a ameaça de greve.

Examinando a historia e a estatística das greves vê-se que as mais das vezes os operarios, ou são constringidos a descer a transacções, ou são completamente batidos — e se tomarmos em consideração as grandes despesas e os grandes sofrimentos padecidos durante a greve e os salarios perdidos, poderemos, com apparencia de razão, concluir que as greves são geralmente danosas aos operarios.

Mas para bem julgar a questão é preciso pensar qual seria a condição dos trabalhadores se nunca se fizessem greves, e observar o que ela é com effeito nos países onde a resistencia operaria ou é inteiramente desconhecida ou está ainda na infancia. Na realidade a greve é imposta ao operario, que não queira ver-se reduzido, pela diminuição gradual do pão ao nivel dos chinezes e dos negros. Os patrões sabem que não podem explorar o trabalhador além de certos limites sem provocar uma reacção nociva aos seus proprios interesses, reacção que um limite á exploração; — e se, por exemplo, o operario parisiense não se acha reduzido a comer *polenta* estragada como os camponeses lombardos, se não vive nas condições bestiais dos esfarrapados *cafoni* da Apulia, é simplesmente porque tais condições de vida ele não as quereria aceitar.

Succede com as greves como com as agitações e as revoluções politicas. Os que as fazem, nelas arriscam ordinariamente a liberdade, ou a vida, ou pelo menos a tranquillidade; mas é só por elas ou por medo delas que os governos concedem mais ou menos liberdades. Sem revoluções estaríamos ainda sob o açoitado da Inquisição; e agora, precisamente por não se fazerem revoluções ha bastante tempo nem para elas se mostrarem disposições, voltamos pouco a pouco á Inquisição.

A greve é, pois, um bom meio de manter o operario em certo grau, sempre baixo embora, de bem-estar — e em todo o caso é uma necessidade da vida do proletario que não queira descer a uma condição de vida sempre mais baixa e animalésca.

A greve e, mais ainda, a preparação da greve familiarizam os operarios entre si, habituam-nos a reflectir sobre a sua condição, fazem-lhes comprehender a causa das misérias sociais, e, em quanto os unem para o melhoramento immediato, preparam-nos para a futura emancipação.

Mas não se deve por isto crer que com as greves se possa resolver a questão social, ou mesmo melhorar dum modo serio e estável a condição de todos os trabalhadores.

Embora pssa a vontade dos trabalhadores revoltar-se contra condições de vida inferiores a um determinado grau, ha na organização actual da produção, circumstancias mais fortes ainda que despedaçam toda a resistencia possível. O numero sempre maior dos de-

socupados, as crises, as deslocções de indústrias existirão sempre em quanto vigorar a propriedade individual e o sistema de produzir por um lucro; e a miséria não fará senão oscilar entre um máximo e um mínimo sem jamais desaparecer, obrigando os operarios a pisar e a repisar sempre o mesmo caminho.

Por isso as sociedades de resistencia ao mesmo tempo que combatem a batalha quotidiana da resistencia operaria, devem mirar a alguma coisa de mais alto e de mais geral: a transformação do sistema de propriedade e de produção. Devem preparar os operarios para a grande luta, e habilitar-os a poder um dia desempenhar por si mesmos as funções da vida social que hoje, com grande prejuizo seu, são exercidas pelos capitalistas e pelos governos.

ERRICO MALATESTA.

Associazioni di mestiere

ED I LORO BENEFICII MORALI

Se molti sono i benefici economici che le associazioni di mestiere apportano alle rispettive categorie di operai, non meno importanti, oserai quasi dire più essenziali, sono quelli che contribuiscono a migliorare i sentimenti morali della classe operaia.

La diminuzione di orario, l'aumento della tariffa, i miglioramenti sulle condizioni d'igiene nelle officine, il diritto di far valere le proprie ragioni sono senza dubbio benefici di non poca importanza pei lavoratori organizzati, ma non meno importanti, lo ripeto, sono quelli pei quali l'operaio può gradatamente migliorare le proprie condizioni morali e spingersi al conoscimento di ciò che costituisce ancora il privilegio della classe agiata e vagabonda.

L'operaio, nella grande maggioranza dei casi, è ancora molto al di sotto di quel che dovrebbe essere.

Un'immensità di cause, una quantità enorme di pregiudizi, che si sono abbarbicati nel suo cervello di generazione in generazione, tutto contribuisce a fare di lui, più che un essere capace d'agire e di pensare, un atomo qualunque che si muove meccanicamente sotto la volontà del padrone.

La deficienza assoluta d'istruzione, dovuta qualche volta all'incuria dei genitori, più spesso alla fatale lotta per la vita, che l'ha obbligato ad abbandonare la scuola per rinchiudersi fra le mura di un'officina, proprio quando lo studio cominciava ad apportare i suoi benefici effetti sopra al suo cervello di bimbo, gli impedisce, il più delle volte, di dedicare quel pò di tempo, che lo sfruttamento padronale lascia a sua disposizione, in qualche cosa di utile ed istruttivo, ed egli finisce col frequentare la taverna e intossicarsi coi suoi venefici prodotti.

Di qui la noncuranza, l'apatia il disinteressamento per tutto ciò che lo riguarda, quando non è lo scherno od il disprezzo pel compagno di lavoro che, più cosciente di lui, cerca di fargli comprendere quale dovrebbe essere il posto di combattimento, che gli operai tutti dovrebbero occupare nell'attuale terribile lotta di classe.

Mancanza totale o deficienza di istruzione, incapacità di sbarazzarsi dall'enorme ammasso di pregiudizi che gli hanno atrofizzato il cervello, incoscienza completa della propria forza e dei propri diritti! Ecco il quadro (doloroso, ma disgraziatamente vero) che si presenta agli occhi del-

l'attento analizzatore della questione operaria.

Quanto cammino da fare ancora! Quanti pregiudizi da abbattere!... Quante lotte; quante campagne da sostenere!

A facilitare l'opera dei volentieri in questo lavoro di istruzione e di educazione fra la grande massa operaia vengono in prima linea le associazioni di mestiere o leghe operaie. In esse la comunanza, la conversazione amichevole fra compagni, l'esempio dei migliori e soprattutto la propaganda moralizzatrice che gli operai più intelligenti sostengono fra gli associati agisce poco a poco sul morale dell'operaio, ne migliora i costumi ed estirpa gradatamente i vizi, diremo così, ereditari, primo fra tutti l'alcoolismo, che è, senza dubbio, una piaga cancerosa per buona parte di lavoratori e che ha di per sé stessa la potenza di abbruttire, nel vero senso della parola, l'individuo sul quale disgraziatamente ha potuto infiltrare la sua azione deleteria.

Non sono rari gli esempi di leghe operaie e camere di lavoro che hanno, mediante un costante lavoro di educazione, migliorato a tal punto il morale dei propri associati da far rimanere stupiti tutti i pessimisti che credono l'operaio incapace di comprendere i benefici derivanti dalla scienza e dell'arte.

Se da un lato le associazioni operaie influiscano, come ho detto, sul perfezionamento morale degli associati, esse contribuiscono anche a far penetrare fra le file proletarie il sentimento di solidarietà.

La solidarietà è indiscutibilmente un'arma indispensabile, direi quasi l'essenziale, che gli operai possono adoperare nella lotta contro i propri sfruttatori. Finché i lavoratori non avranno compreso l'importanza grandissima della solidarietà, finché essi non comprenderanno che una ingiustizia, un insulto, un abuso commesso a danno di un loro compagno rappresenta a sua volta un'ingiustizia, un abuso, un insulto per tutta la loro classe, finché infine essi non si sentiranno uniti e solidali senza distinzione di nazionalità o di razza; le campagne per la rivendicazione dei propri diritti non potranno dare che miseri risultati.

Quante lotte infatti non rimasero infruttuose per causa della poca solidarietà? Quanto danno non ha arrecato (e disgraziatamente continua a recarne) agli operai il *Krumiraggio*?

Quante volte pochi uomini, per quali il disprezzo di tutti i loro compagni non basterà mai a compensare il male che colla loro azione di traditori fanno alla propria causa, quante volte, dico, pochi *krumiri* bastarono a rovesciare completamente tutto un lavoro di sacrificio e di abnegazione?

Oh! se costoro, i traditori, i Giuda della causa operaia, arrivassero a conoscere la bassezza, l'infamia della loro azione se comprendessero quanto danno apportano a sé stessi ed agli altri collo schierarsi a lato dei comuni sfruttatori contro i compagni d'officina; essi, ne son certo, non potrebbero sopravvivere al rimorso.

Come però potremo esigere da questi disgraziati l'amore la solidarietà verso i compagni in lotta se non ne sviluppiamo il sentimento? Come potremo rimproverare a costoro l'infamia commessa se il più delle volte essi stessi non comprendano per intero bassezza della loro azione?

E' necessario dunque che la solidarietà venga sentita e compresa da ogni singolo individuo e per questo non potrà esserci

un mezzo più adatto, più pratico delle associazioni di mestiere. In che la discussione, la propaganda, l'esempio pratico, la fraternità che nasce spontanea fra individui costretti a trovarsi insieme ed a conoscersi scambievolmente, tutto contribuisce a consolidare fra i singoli componenti quel sentimento di solidarietà che è, lo ripeto, la causa prima delle vittorie operaie.

Ed è per questo che noi non ci stancheremo mai di gridare agli operai con tutta la forza dei nostri polmoni: *Associati vi! Noi vorremmo poter ripetere questa parola a tutti i lavoratori, noi vorremmo perseguitare i più ricalcitanti dovunque, dall'officina a casa, da casa all'officina e ripetere loro senza requie: Associatevi! Associatevi Operai!*

Tutto, tutto potrete guadagnare dalle organizzazioni di mestiere. Associatevi dunque, e i vostri diritti, oggi conculcati, saranno rendervi degni di voi, e come siete derisi e malvisti oggi sarete rispettati e temuti domani.

GIULIO SORELLI

Emancipatevi!

Ad agevolare, anzi ad affrettare la soluzione dell'intricato problema sociale, per la qual soluzione innumerevoli sono quelli che impulsati da idee generose, guidati dalla storia, ce ne additano le vie, i mezzi, è necessario, dirò meglio, indispensabile la cooperazione di voi donne; di voi, come mogli seguitando nella lotta intrapresa per la realizzazione delle nostre idee di emancipazione, di rigenerazione.

Come madri educando in queste i vostri bambini.

Ma prima d'ogni altra cosa, bisogna vi instruiate, onde potere spogliarvi di tutti quei pregiudizi sciocchi, assurdi che hanno formata la catena alla quale, insino ad ora, foste avvinte, e che per conseguenza foste e siete tuttora schiave, vittime della società, della famiglia e del padrone se l'imperiosa necessità vi obbliga di provvedere col vostro lavoro, al sostentamento vostro e della vostra famiglia.

1.° Della società che pur qualificavoci come sesso debole, non lascia di rendervi responsabili di quei falli che potete commettere; e che voi perché ignare delle cose della vita non sapete difendervi e dimostrare che questa stessa società perché ingiusta, mal sistemata, fu appunto la causa della vostra caduta.

2.° Della famiglia, giacché soffrite, rassegnate, ogni dolore, ogni miseria, ed anche i cattivi trattamenti, le percosse d'un marito vizioso, brutale, solo perché inconscia dei vostri diritti, credete dover vostro tacere come che a lui tutto è permesso, tutto è concesso.

3.° Del padrone, infine, dal quale accettate senza ribellarvi mai, le meschine condizioni imposte al vostro lavoro, e ciò perché non comprendete ch'egli vi sfrutta infamemente, impunemente; che col vostro lavoro così mal retribuito, manterrete lui nell'ozio aumentando giornalmente la ricchezza; e sempre perché mai vi fu detto, mai vi fu noto, per quale ingiustizia sociale, voi donne pure siete condannate a lavorare per vivere; nè come sia che esiste la ricchezza e la miseria.

Procurate instruirvi ed emanciparvi; ma, soprattutto, emancipatevi dal prete, giacché più d'ogni altro lui fu che vi fece vittima della società, della famiglia e del padrone. Lui colle sue dottrine mistificate, colle sue vane minaccie, e colle sue illusorie promesse di castighi e di gaudii, oltre la tomba; lui, col'asserire a voi spudorata-

mente che è volontà di dio esistono poveri e ricchi; lui fu che ha fino ad oggi impedito alla donna di discernere il bene dal male, e di analizzare cose e fatti che riguardano il suo esclusivo interesse.

Emancipatevi! e venite fra noi, a prestarvi l'opera vostra, onde ottenere più sollecita la vittoria della nostra causa; causa che vinta, perché giusta, nobile, apporterà sulla terra la sola possibile felicità, riducendo gli uomini ad amarsi uno coll'altro, da veri fratelli.

Emancipatevi!

MATILDE MAGRASSI.

LO QUE DICEN LAS MÁQUINAS

Cruje hecho asenas el carbón en el horno; hierve bullicioso a el agua en la caldera; oprime el vapor el émbolo; el émbolo empuja la biela; la biela mueve el eje; el eje hace girar el poderoso volante, y mientras ruje la máquina como fatigado monstruo, la eorreca sin fin pone en movimiento otros ejes y otras ruedas, otras correas y otras máquinas. La industria marcha, la producción aumenta, el obrero labora.

¡Qué hermoso poder el de la humana inteligencia! A su conjuro se multiplica el movimiento y surgen el calor y la luz.

Pero, ¡ay! aún puede la máquina decir al obrero:

—No te enorgullezcas. En nada te diferencias de mí. Instrumento de trabajo como yo, tu estómago, como mi horno el carbón indispensable, no recibe sino el alimento estrictamente suficiente para que sigas desempeñando tu función mecánica. Soy un instrumento más apreciado que tú, porque tú abundas más y euestas menos. Cuando me gasto, me tiran; cuando te gastas, te abandonan. Es lo mismo; no lo mismo, peor; porque tu única ventaja, tu inteligencia, se convierte entonces en daño tuyo; la conciencia de tu pasado valer será tu tormento. Tú, com yo, produces; produces, como yo, para los otros, no para tí. Labramos junto fortunas que te pertenecen y que jamás disfrutas. Obrero: apodérate de mí; arráncame de los brazos del viejo capital; tu desposorio conmigo es tu salvación única. Deja de ser instrumento para que el instrumento te pertenezca. Te quiero amo, no compañero. El capital me explota, sólo tú me fecundas. Sólo á tí quiero pertenecer.

F. Pí y Arsuagxa.

Uma boa arma

Actualmente é a greve a mais poderosa arma que o operariado póde manobrar contra as explorações e iniquidades de que é victima.

Mas, se a greve, é effectivamente a mais formidavel arma de combate dos operarios, muitas vezes se torna prejudicial, e mesmo mortifera, para elles, não só pela falta de recursos, como pela ausencia de tactica.

Muitas classes, de proletarios, só pensam em associar-se depois de rebentar os conflictos com os patrões, outras conservam-se recolhidas n'um sordido egoismo, tratando só de si, (quando tratam) abandonando os seus camaradas de misteres diferentes, não querendo vêr que as reclamações de uns, importa nos interesses geraes de todos.

Ultimamente, as grèves, tão frequentes, tem demonstrado, evidentemente, que a orientação da classe trabalhadora tem feito progressos, principalmente no sentido da solidariedade, mas com respeito a organização e a meios de resistencia, conserva-se n'um desleixo digno de lastima, que muito tem contribuido para o fracasso de algumas reclamações cheias de justiça, com grande gaudio de classe burgueza que nos espiona e observa.

Ora, se a classe trabalhadora, pensasse, uma vez a serio, na maneira de triumphar dos seus males, procurando a fórmula do melhor exito para as suas reivindicações, com certeza que a classe patronal seria forçada a ceder, porque lhe era impossivel

